

Identidade visionária

As obras de Athos Bulcão se transformaram em símbolos de uma cidade concebida para ser laboratório de experiências em todos os campos

SÉRGIO MORICONI
Colaborador

Impossível pensar em Brasília sem lembrar do artista Athos Bulcão. Algumas de suas obras se transformaram em símbolos apócrifos da capital federal. Para nós, que nos consideramos pioneiros, chega a ser um lugar comum relacionar a Igrejinha N.S. de Fátima - com seu painel de azulejos, com as figuras dos pombos representando o Divino Espírito Santo - como uma de nossas mais profundas e íntimas identidades com a cidade. Muitas outras peças de azulejaria e pintura têm igual beleza e importância. O teto da capelinha do Palácio da Alvorada; os painéis do Hospital Sarah Kubitschek, os monumentais relevos do Teatro Nacional, enfim, as marcas do artista estão por toda parte.

Athos é uma das figuras centrais dessa epopeia de brasileiros confrontados com um espaço que propunha ser um laboratório de experiências em todos os campos, desde o arquitetônico e urbano, o vivencial, humanista, ético, filosófico e cultural. Sim, tudo esteve entrelaçado nesse projeto de uma cidade nova que desse nascimento a um homem novo. Athos foi artífice e testemunha voluntária. Fixou residência nos tempos pioneiros e aqui reside até hoje.

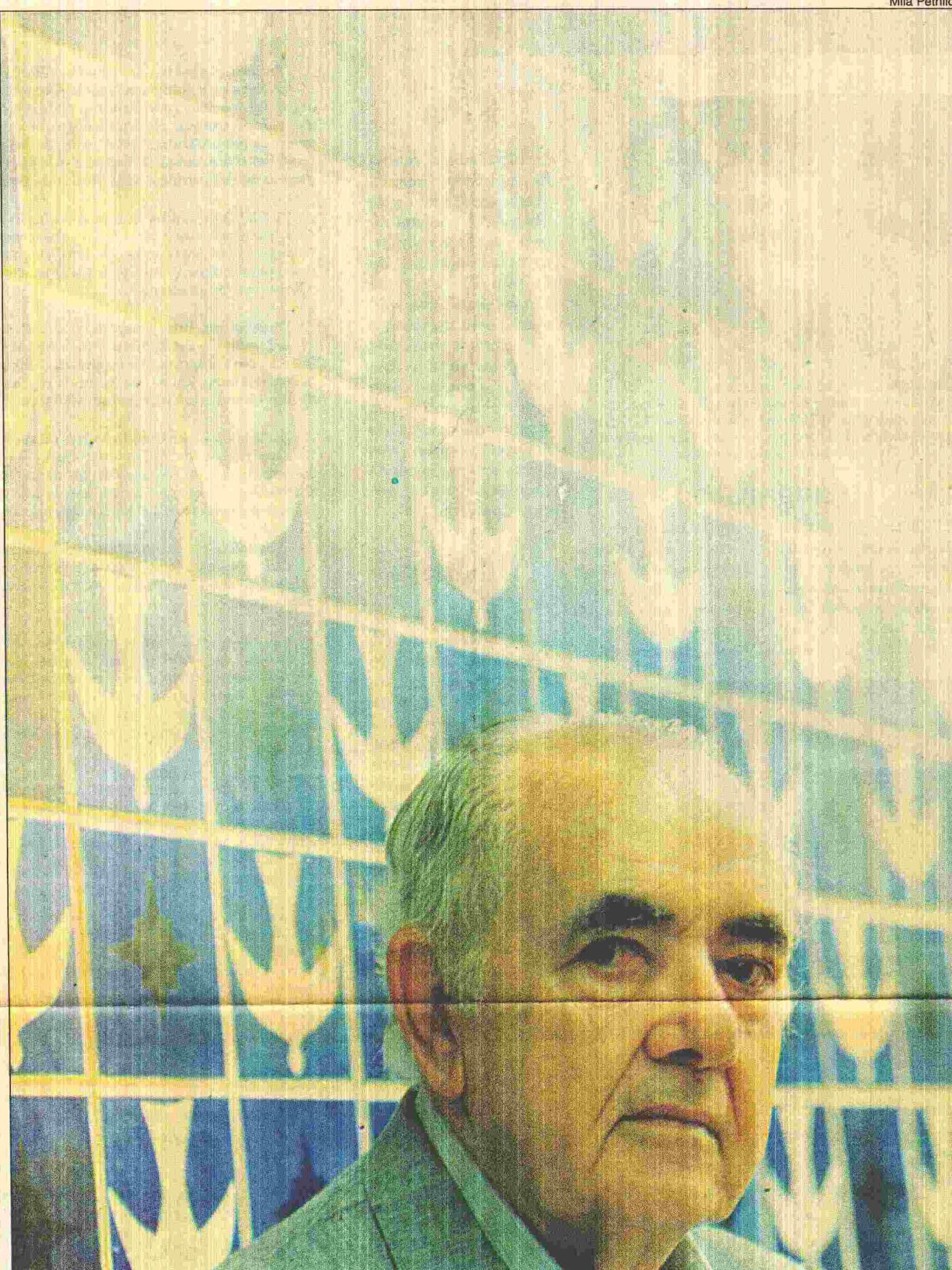
A utopia desta cidade encravada no coração do Centro-Oeste está na base do processo de constituição de uma identidade ainda virtual. Por decisão, e atitude, de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Athos Bulcão, entre outros evidentemente, a arte ocupa um lugar primordial no projeto de Brasília. Athos acha mesmo que a arquitetura, por si mesma, pode ser didática. Os depoimentos que deu sobre os painéis que fez para o Hospital Sara Kubitschek, projetado por João Filgueiras de Lima (o Lelé), são reveladores. Athos escolheu, para a sala de espera da radiologia, as cores amarela e laranja, em fundo branco, porque sabia que essas cores provocavam a sensação de alegria e bem estar.

Para Athos, a arte é um elemento indispensável no cotidiano, por isso ela não deve estar presente apenas nos museus, mas em tudo e, evidentemente, na estrutura urbana. De sua parte, ele salpicou singeleza sublime à monumentalidade humanista da cidade. De fato, Brasília tinha, e ainda tem, esse caráter humanista que, mesmo confrontado com as iniquidades da estrutura social, permanece como que nas frestas intuídas de suas treliças e painéis.

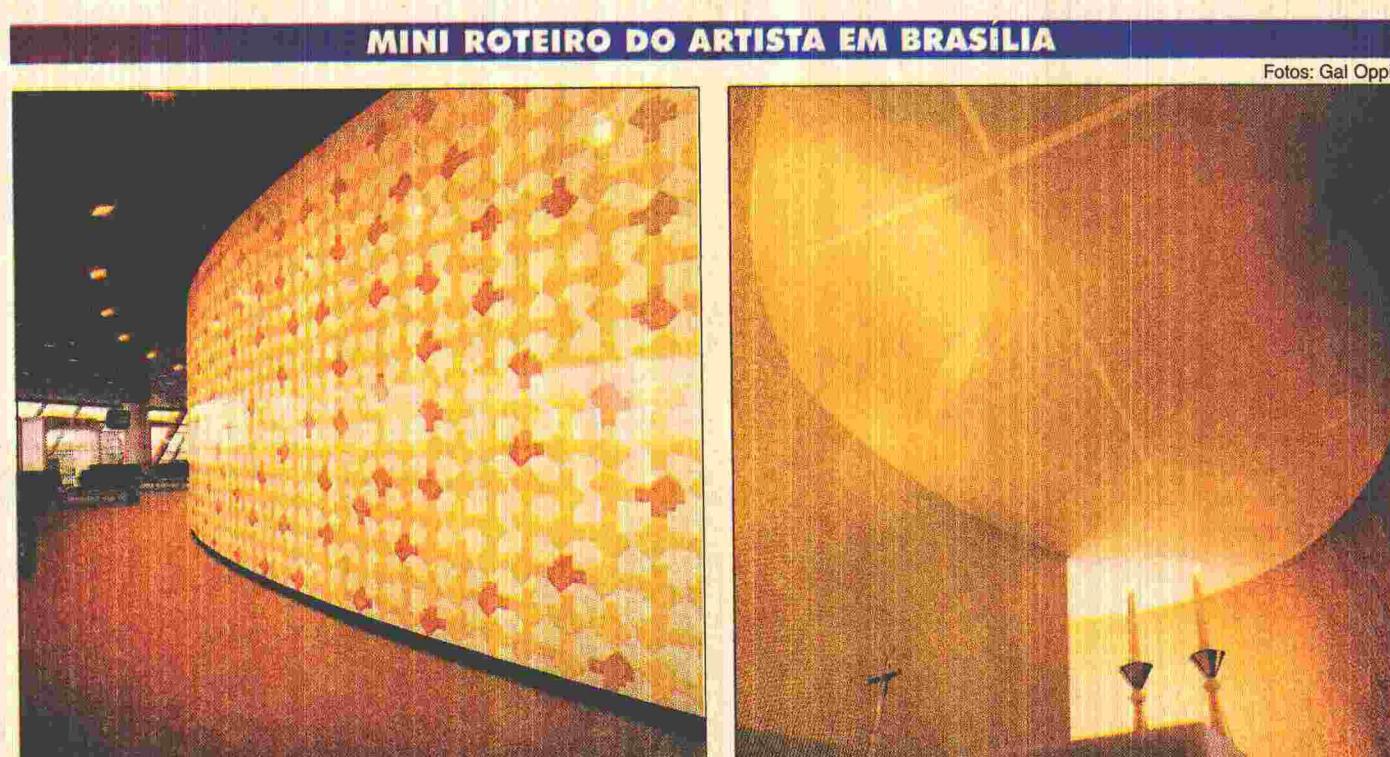
A utopia de Brasília pressupõe o belo como elemento transformador. O projeto do homem novo estava na cabeça de uma brilhante geração de brasileiros que fez dos anos 60 uma era vibrante de visionários modernistas. Não era um "modernismo futurista", no sentido de fazer a celebração irrefletida da tecnologia moderna. O projeto de Brasília era antropocêntrico. Indivíduos originários das mais diversas regiões do país cortaram os laços da tradição - pelo menos daquela tradição presa à velhos condicionamentos, que reprimem os impulsos libertários - e se jogaram no abismo vertiginoso do novo.

Ao observarmos a obra de Athos, não só a azulejaria, como também a pintura e, principalmente, suas máscaras - com seus elementos de falsa arqueologia mesclados com a cultura carnavalesca - vemos que o artista restituí a origem etnológica do termo radical, que vem de raiz. Portanto, para o artista, a radicalidade já contém em si história e tradição, ambas insinuadas na premonição do novo.

As mesmas considerações podemos fazer a respeito de nós mesmos, atores migrantes da utopia mutante de Brasília, cujos *habitus* são ao mesmo tempo constituídos e constituintes da cidade, num processo címplice, simultâneo e dinâmico de construção de identidades (nossas e da cidade). Conhecer Athos é entender um pouco mais aquilo que vemos e sentimos na vivência diária da ocupação de nosso espaço urbano e interior.

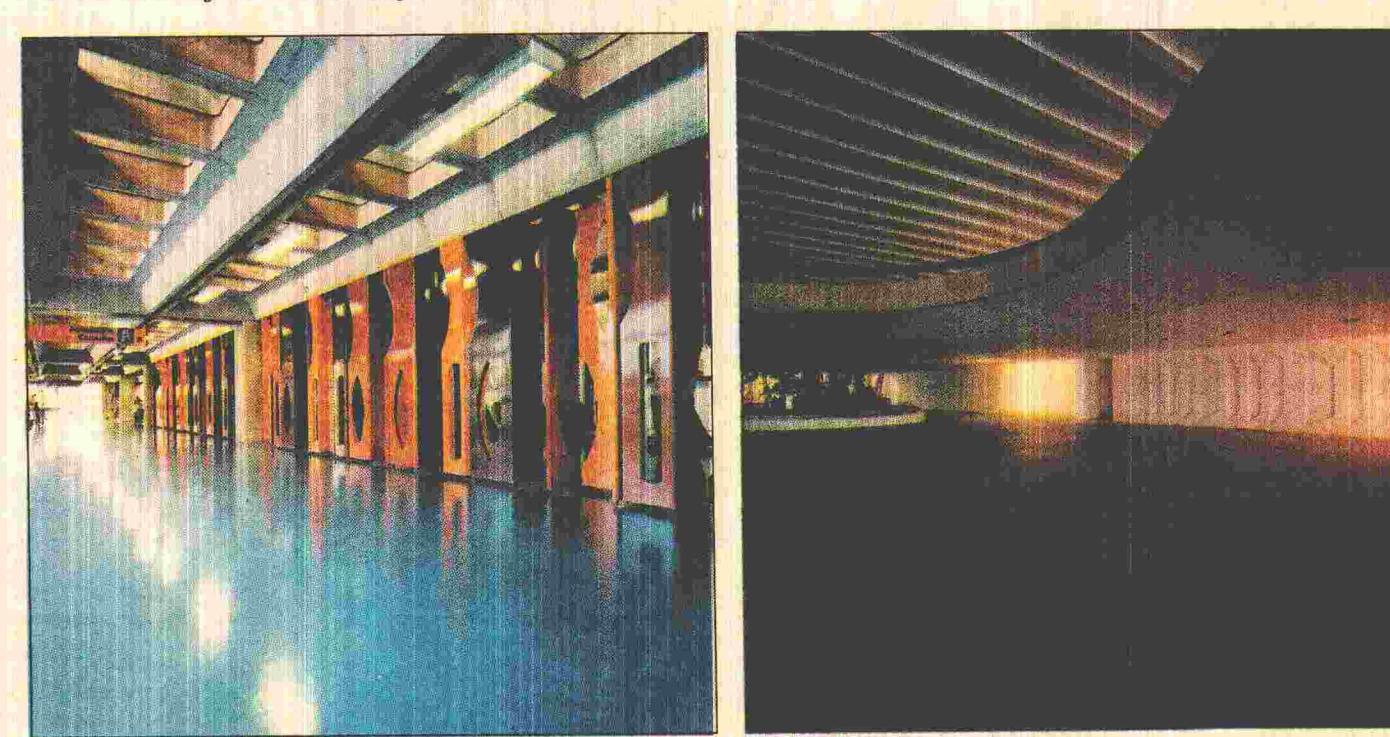


Athos Bulcão em frente ao painel da Igrejinha da 108 sul, um dos símbolos de uma arte humanista que resiste às iniquidades da estrutura social



Painel em azulejos. Sala de embarque do Aeroporto de Brasília

Pintura do teto, castiçal e candelabros. Capela do Palácio da Alvorada



Entrada principal do Hospital Sarah Kubitschek

Painel em mármore. Hall de entrada do Palácio Itamaraty

Mila Petrillo

Athos ganha museu virtual

Brasília ganha um presente e tanto até o final do mês: uma página sobre vida e obra de Athos Bulcão na Internet. <http://www.rudah.com.br/athos/museu> é o endereço do Museu Virtual Athos Bulcão, criado pela Fundação Athos Bulcão. Quem acessar acessando as páginas vai ver reproduções de suas obras, objetos e pinturas, ler o currículo e textos de críticos escritos sobre ele e visitar páginas especiais dedicadas aos trabalhos de integração de arte e arquitetura. Athos ainda não viu o site. "Estamos fazendo uma surpresa para ele", conta Eduardo Cabral, secretário executivo da Fundação Athos Bulcão.

Em dezembro de 1992, o artista-pintor-painelista Bulcão ganhou uma Fundação. No estatuto, está a proposta de manter em Brasília um centro de pesquisa e reflexão sobre arte. Na prática, uma entidade que dedica-se tanto criar páginas na Internet, como está criando um departamento de conservação, organiza o Fórum de Artes Visuais de Brasília, o mais importante evento regular de artes plásticas da cidade e edita um jornal, o Radical, distribuído gratuitamente para estudantes de 2º grau da rede pública do Distrito Federal.

Obras com trilha sonora

Athos Bulcão é ainda tema de tese de mestrado. As obras de Bulcão vão ganhar trilha sonora e movimento no trabalho de pesquisa de Ana Beatriz Paiva Costa, mestrandra em Arte e Tecnologia da Imagem, no Instituto de Artes da Universidade de Brasília. "Estou fazendo uma releitura", tenta definir Ana Beatriz. A ideia dela e de seu orientador, Silvio Zamboni é fazer uma animação com as figuras arte-arquitetônicas de Bulcão com movimento, sob novos ângulos e sons especiais. "Por exemplo, vou ao aeroporto nas salas de embarque onde estão um painel do Athos, gravo ali uma fita com os sons do lugar: aviões, avisos de vôos, pessoas conversando, a partir daí, um músico vai criar uma trilha e vamos colocar em um outro suporte as obras do Athos, para veicular provavelmente em um CD-Rom que a Fundação Athos Bulcão está programando", detalha.

O músico ainda não está definido. "Penso em uma música com muitos sintetizadores", diz Ana Beatriz. As imagens estão sendo escolhidas a partir de uma pesquisa minuciosa dos trabalhos de Athos Bulcão em Brasília. Vão levar em conta principalmente as percepções de Ana Beatriz sobre as cores e as repetições na obra de Bulcão, "as nuances e as leves brincadeiras que ele faz, repetindo quadrados e curvas variando tamanhos e espessuras", adianta. Ana Beatriz deve concluir seu mestrado no final deste ano. Este trabalho Athos Bulcão já viu. "Ele achou interessante", diz a mestrandra. Orientador de Ana Beatriz, o professor Silvio Zamboni também prepara um trabalho sobre Bulcão, um vídeo com imagens do artista e de seus trabalhos, tratadas em computador. As imagens já foram todas feitas, falta apenas a edição. "É uma homenagem", afirma Zamboni.